

**HACIA LA CONSOLIDACIÓN DE UNA BIOÉTICA
LATINOAMERICANA
ENTREVISTA AL PROFESOR JOSÉ ROQUE JUNGES**

**RUMO À CONSOLIDAÇÃO DE UMA BIOÉTICA LATINOAMERICANA
ENTREVISTA AO PROFESSOR JOSÉ ROQUE JUNGES**

Alejandro Raúl Trombert

Universidad Nacional del Litoral – UNL

María Eugenia Chartier

Universidad Nacional del Litoral – UNL

El Profesor JOSÉ ROQUE JUNGES nació en Campo Bom, estado de Río Grande del Sur (RS), Brasil en 1949. Realizó su formación en Filosofía en la Pontificia Universidad Católica de Porto Alegre (RS) en 1973. Su posgrado a nivel de especialización (Historia del Brasil Contemporáneo) lo realizó en la Universidad do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo (RS) en 1978. Posteriormente se graduó de Magister en Teología en la Pontificia Universidad Católica de Chile en 1980 y culminó su doctorado en Teología Moral en la Pontificia Universidad Gregoriana de Roma, Italia en 1985. Actualmente es Profesor de Ética y Bioética en las carreras de salud de la Universidad do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) en São Leopoldo (RS), Brasil. Es Profesor e investigador del Programa de Posgrado en Salud Colectiva de la UNISINOS y del Programa de Posgrado en Bioética de la Cátedra UNESCO de la Universidad de Brasilia (UnB). Investiga, estudia y discute temáticas de bioética en su vertiente epistemológica y sus relaciones con la biopolítica; de Salud Colectiva, con foco en la Atención Primaria a la Salud; de Medio Ambiente en sus interacciones con la salud pública. Sus libros publicados incluyen: Bioética: Perspectivas e desafios (São Leopoldo: Unisinos, 1999); Ecologia e Criação: Resposta cristã à crise ambiental (São Paulo: Loyola 2001); Ética ambiental (São Leopoldo: Unisinos, 2004); Bioética: Hermenêutica e Casuística (São Paulo: Loyola, 2006); Bioética Ambiental (Ed. Unisinos, 2010); Bioética Sanitarista: Desafíos éticos da Saúde Coletiva (Ed. Loyola, 2014). Coordina desde 2003 el Comité de Ética de la Investigación de la UNISINOS.

- **Para comenzar esta entrevista nos gustaría saber cómo desde su formación en Filosofía y Teología se acercó a la bioética y ¿cuál es su concepción de la misma?**

Meu doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (Itália) em 1985 foi na Faculdade de teologia, mas a temática foi em ética filosófica: a controvérsia probabilista surgida no século XVII e XVIII e reeditada nos inícios do século XX sobre o modo de solucionar conflitos morais. Tratou-se de uma investigação sobre os célebres sistemas morais – Tuciorismo, Probabiliorismo, Probabilismo e Laxismo – que propunham diferentes procedimentos para superar a dúvida quanto a solução de um problema moral e assim chegar à certeza necessária para agir. Esse interesse pela controvérsia quanto aos caminhos de solução de conflitos morais me aproximou da bioética, quando comecei a lecionar ética teológica em Belo Horizonte (MG), porque é a área onde mais fortemente se manifestam conflitos morais nos tempos atuais. Assim fui me apropriando dessa nova área de conhecimento, já que tinha que tratar dos problemas morais relativos à vida. Nessa época recebi o convite para participar, como membro externo, do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Essa participação no CEP por oito anos foi um grande aprendizado de bioética. Em 2000 me transferi para a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo (RS) para ser professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, constituído neste mesmo ano, na linha de pesquisa “Vulnerabilidades em Saúde e Bioética”. Essa transferência da área das ciências humanas para as ciências da saúde foi fundamental para minha compreensão transdisciplinar da bioética.

Antes de nada é preciso afirmar que a Bioética não tem receitas e soluções prontas para os problemas que ela discute. Seu conteúdo não pode ficar reduzido a princípios e normas de ação, mas integrar, na discussão, as dinâmicas socioculturais e político econômicas que configuram a moralidade de qualquer problema ético. Nesse sentido, o seu papel é fazer pensar e refletir criticamente sobre as questões em que está envolvida a vida em seu sentido amplo, não apenas humano, mas incluindo todos seres vivos com seu ambiente de reprodução da vida. A bioética nunca pode esquecer o seu berço ecológico de nascimento, evitando, por isso, reduzir suas preocupações aos problemas clínicos de início e final de vida humana. Se a bioética é essencialmente reflexão crítica sobre o contexto onde se manifestam os problemas éticos da vida, sua matriz ética precisa assumir a perspectiva hermenêutica que, segundo Heidegger, significa: “...contribuir para a possibilidade de uma apropriação radical da situação atual da filosofia por meio da interpretação, [...] sente a obrigação de assumir a tarefa de desfazer o estado de interpretação herdado e dominante, de manifestar os motivos ocultos, de destapar as tendências e as vias de interpretação não sempre explicitadas e de remontar-se às fontes originárias que motivam toda explicação por meio de uma estratégia de desmontagem” (Heidegger M. Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles. Indicación de la situación hermenéutica [Informe Natorp]. Madrid: Ed. Trotta; 2002. p. 51).

Esse trabalho interpretativo de desmontagem é fundamental para poder começar a pensar, pois significa abandonar as explicações naturalizadas que impedem um posicionamento crítico, indispensável para o equacionamento ético de um problema em que está implicada a vida. Nesse sentido não é possível problematizar qualquer questão relativa à vida, sem situá-la no contexto biopolítico, que hoje determina a gestão da vida em todas suas manifestações, pois ela adquiriu um alto valor econômico, fazendo surgir uma bioeconomia. Por isso defendo que

a biopolítica é o teorema da bioética, significando que qualquer problema ou conflito bioético precisa ser situado e compreendido a partir da equação biopolítica.

- **En estrecha relación con esta concepción de bioética, ¿cómo podemos entender el concepto de salud en general y de salud colectiva y salud pública en particular?**

Os problemas morais relativos à saúde humana abordados pela bioética, muitas vezes, assumem uma perspectiva individualizada e fragmentada, típica da bioética principialista anglo-saxã, que envia seu equacionamento ético, porque lhe falta uma visão integral e uma inclusão dos determinantes sociais da saúde. A solução se reduz à aplicação de um dos princípios ou à definição de uma regra de ação, sem um olhar hermenêutico para o contexto sociocultural e político-econômico do problema, levando a um viés simplificador e redutivo na resposta. A saúde coletiva é um importante corretivo desse viés, porque surgiu como uma superação da visão biomédica individualizada da saúde, podendo ajudar a bioética a assumir uma perspectiva mais socialmente contextualizada. Por isso é importante a aproximação entre a bioética e a saúde coletiva. Da minha experiência posso afirmar que a saúde coletiva é o contexto ideal para construir a bioética.

- **Cuando uno se detiene a observar cómo se ha desarrollado la bioética, puede identificar tres grandes áreas de reflexión, la bioética clínica, la ética de la investigación científica y la bioética ambiental. ¿Podemos entenderlas desvinculadas o disociadas entre sí?**

Colocaria de um lado a bioética clínica e a ética da investigação que assumiram uma perspectiva principialista individualizada, pautada pelo modelo de Beauchamp Childress, cuja referência ética são os clássicos princípios da bioética: autonomia, beneficência e justiça. Do outro lado estaria a bioética ambiental e eu acrescentaria a bioética sanitária (Bioética da saúde pública) que tem um enfoque mais ambiental e coletivo, cujo embasamento ético está fundado nos direitos humanos, com uma perspectiva mais hermenêutica, porque o equacionamento de seus problemas éticos exige uma análise crítica do contexto sociocultural e político-econômico onde estão presentes dinâmicas situacionais que configuram o conflito ou o desafio moral a enfrentar.

Assim temos uma fragmentação e dissociação entre os conteúdos abordados pela bioética, causadas pela assunção do paradigma principialista, como modelo ético para solução dos problemas. A hermenêutica crítica contextual e a referência ética dos direitos humanos poderia dar uma maior integração a essas diferentes áreas da bioética, pois as questões éticas da clínica e da investigação científica também não podem prescindir de uma abordagem coletiva e contextual, configuradoras de cada caso, porque nela aparecem os processos de vulneração presentes na situação, obrigando a assumir a perspectiva dos direitos humanos como referência ética protetiva dos sujeitos vulnerados envolvidos no problema ou conflito moral.

- **Coincidirá con nosotros que, en sus inicios, tanto en la referencia a Fritz Jahr como en la propuesta de Potter la bioética se concibió como un saber que conjugaba bios y ethos en una perspectiva ecológica. Posteriormente el desarrollo disciplinar se centró en la bioética clínica y en la ética de la investigación con seres humanos. Los problemas que hoy enfrentamos como planeta podríamos decir que han hecho resurgir el debate en torno a la bioética ambiental. En este campo se presentan diferentes tendencias que van desde el antropocentrismo al ecocentrismo pasando por el biocentrismo. En este sentido, ¿qué puede aportar la reflexión bioética?, es posible que las críticas al antropocentrismo nos permitan desarrollar una nueva ética de la vida, que aporte al desarrollo científico tecnológico tal como se desarrolla actualmente y que dé respuestas a la configuración política, económica y cultural de nuestra época?, ¿qué cambios deberían gestarse para la construcción de una nueva mirada que aporte a una bioética global?**

A origem da bioética é ecológica, configurando sua identidade de base que não pode ser esquecida. Embora seu itinerário histórico inicial assumisse mais uma perspectiva clínica, os ingentes desafios ambientais da mudança climática ocasionaram uma volta e um acento na dimensão ambiental da bioética. Hoje não se pode discutir os problemas da saúde humana sem levar em consideração suas interfaces com as consequências climáticas do aquecimento global sobre a qualidade de vida das pessoas. Essa mudança adquire um significado de metamorfose, porque obriga a repensar os modos de organizar a sociedade, de fazer política e de modelar a economia. Não se trata mais de se perguntar como deter a mudança climática, porque ela já está instalada, mas de colocar uma questão muito mais radical: como os efeitos dessa mudança nos exigem discutir nossa sociabilidade, nossa política e nossa economia. Precisamos redescobrir o comum, não o clássico comunitário que foi carcomido pela cultura moderna, mas um comum global que tenha a humanidade como referência, superando as particularidades comunitárias que discriminam e desenvolvem atitudes xenófobas. Precisamos redescobrir a terra biosfera como a nossa casa comum, a nossa *pacha mama* que cria as condições para que a vida possa existir e se reproduzir, não reduzindo a natureza a um puro estoque de recursos à disposição para produzir circulação econômica, mas entende-la como o conjunto de serviços ambientais indispensáveis para a vida. Esses desafios exigem uma mudança radical na percepção da natureza, como prega a ecologia profunda, e no modo de encarar a sociedade, concebida como uma sociedade planetária que se identifica com a humanidade, como defende Edgar Morin. Essa compreensão demanda uma visão ecocêntrica da natureza, entendida como um conjunto de interdependências vitais, que supera tanto o enfoque antropocêntrico que só pensa nos interesses dos humanos, quanto o biocêntrico que concebe os seres vivos individualizados e antropomorfizados. Só uma abordagem ecocentrada consegue ter uma perspectiva ecológica dos problemas éticos ambientais, porque os situa ecossistemicamente.

Essa visão ecocêntrica não separa nem opõe natureza e sociedade, seres vivos e seres humanos, mas os compreende de um modo integrado. Esse ponto de partida aponta para a necessidade de conceber a sustentabilidade em suas duas dimensões social e ambiental. Não se consegue alcançar a sustentabilidade ambiental sem a construção de uma justiça ambiental. Isso significa acesso equânime aos recursos ambientais e não empurrar os danos ambientais de processos econômicos industriais, pecuário-agrícolas, mineradores

para populações pobres e vulneráveis que não tem como reagir. Por outro lado, existe uma questão mais radical que advém do ecocentrismo, a crítica ao modelo vigente de economia que é mecanicista, sem nenhuma atenção aos limites da natureza e sem se dar conta que é natureza que engloba a economia e o mercado, não contrário, como pensam os economistas clássicos.

Quem defende essa tese e propõe um paradigma de economia ecológica é Nicholas Georgescu-Roegen, de origem romena que emigrou para os Estados Unidos, onde foi muitos anos professor da Universidade de Vanderbilt. Sua formação é em economia matemática, mas esse núcleo duro não o impediu de avançar para uma proposta inovadora que considera os processos econômicos como processos biológicos e ecológicos, perpassados pela entropia como qualquer processo em que está envolvida a vida. A economia clássica que conhecemos não leva em consideração a entropia que engloba os gastos necessários para chegar à produção de determinado bem de consumo, principalmente aqueles gastos ligados à natureza, como são os recursos naturais e os danos externalizados para o meio ambiente, não incluídos nos gastos e, portanto, no preço estipulado para o produto. Esses gastos são maquiados e empurrados para debaixo do tapete do meio ambiente, como inexistentes. A economia clássica só enxerga como gasto o capital e os recursos humanos. Por isso, os bens de consumo podem ser baratos porque não incluem o verdadeiro preço do que foi gasto para chegar àquele produto posto à venda para ter mais valia. Mas esse gasto existe e alguém está pagando injustamente por ele, principalmente a natureza.

- **América Latina se caracteriza por ser una de las regiones del mundo más diversas y con enormes recursos naturales. También es considerada una de las regiones más desiguales del planeta. ¿Cuáles considera que son los temas bioéticos relevantes para Brasil y Latinoamérica?**

Essa conjunção entre a rica biodiversidade e as gritantes desigualdades sociais da América Latina aponta para o imperativo de sempre abordar as questões ecológicas na perspectiva da justiça ambiental e da sustentabilidade socioambiental. Do contrário, estaremos maquiando o problema ambiental com posicionamentos simplistas e romantizados. O grito da natureza e o grito dos empobrecidos da América Latina soam em uníssonos. Não haverá uma solução de sustentabilidade ambiental que não leve em consideração os efeitos de injustiça que sofrem as populações que habitam os territórios degradados pelos processos econômicos, os quais não trazem benefícios, apenas danos, para a saúde e o bem-estar dessas pessoas.

Outra perspectiva essencial para o contexto latino-americano é a perspectiva da ecologia popular, isto é, o modo como os pobres e os povos tradicionais valorizam a natureza como seu ambiente de reprodução social da vida, como sua casa de sobrevivência, a *pacha mama* que nutre e sustenta, não como puro estoque para a extração de recursos naturais, causa de fundo de toda crise ambiental e base da compreensão clássica da economia que não concebe a natureza como limite, não a valoriza pelos seus serviços para a criação das condições para que a vida possa sobreviver. A sabedoria dos povos ancestrais da América

Latina são um caminho de inspiração para encontrar soluções sustentáveis para a crise ambiental, porque ajudam a encarar a natureza como nossa casa comum.

- **¿Podría reseñar cuáles han sido los avances y lo que aún resta por hacer en la agenda bioética de Brasil y Latinoamérica?**

Um dos importantes avanços na bioética da América Latina foi a apropriação dos estudos críticos sobre colonialismo para entender as questões que afetam suas populações e, portanto, configuram os problemas que a bioética nesse contexto precisa enfrentar. A crítica dos efeitos socioculturais e político econômicos do colonialismo precisa servir de contexto hermenêutico para analisar os desafios e os conflitos da bioética latino-americana. Essa perspectiva fornece uma configuração concreta ao social, uma abordagem mais adequada para sua análise e equacionamento. Só assumindo esse enfoque poderemos ter uma bioética com um rosto verdadeiramente latino-americana.

A bioética ambiental, na América Latina, assumiu plenamente a perspectiva da justiça ambiental para analisar a questão ecológica, representando um grande avanço para discutir os problemas do meio ambiente nesse contexto, superando uma visão romantizada e museificada da natureza, defendida por movimentos ambientalistas do primeiro mundo que não discutem as incidências do modelo econômico e suas consequências de injustiça nas questões ecológicas.

Nas questões da saúde é necessário ter presente, na América Latina, o gradativo desmantelamento dos sistemas públicos de saúde e o esvaziamento do direito à saúde como um direito de todos e um dever do estado, privilegiando os sistemas privados de saúde. Os pobres são os que mais sofrem esses efeitos, situação palpável no ressurgimento de doenças infecciosas já superadas e na falta de acesso aos recursos necessários para cuidar de sua saúde. Sem sistema público, os desfavorecidos da sociedade ficam à mercê dos desvarios do mercado que mercantiliza a saúde, promovendo discriminação e processos de morte. Estamos vivendo um retrocesso que está mostrando seus efeitos nos níveis epidemiológicos de aumento de desnutrição, de mortalidade infantil e de enfermidades mortíferas cujos níveis haviam baixado nas últimas duas décadas, mas com a volta de governos neoliberais de direita, eleitos pelo mercado financeiro para retirar direitos, o índice de desenvolvimento humano (IDH) dos nossos países está tendo uma queda acentuada. A bioética precisa estar atenta a essa situação ao abordar as questões da saúde.

- **En estrecha relación con la pregunta anterior, ¿es posible pensar en una bioética latinoamericana? ¿Qué pueden aportar los derechos humanos a esta construcción?**

A resposta anterior já colocou as bases para a questão atual: a necessidade da visão crítica do colonialismo para dar uma identidade latino-americana à bioética. Nesse sentido as perspectivas, deontológica e utilitarista, são insuficientes. Isso significa assumir a hermenêutica crítica do contexto sociocultural e político econômico como ponto de partida para analisar e refletir eticamente os desafios e conflitos em que a vida em seu sentido mais amplo está implicada. Diante de qualquer problema é necessário desmontar criticamente as explicações naturalizadas, destapar os interesses escusos implicados no conflito, desconstruindo, pela interpretação crítica, as justificativas ideológicas presentes na discussão bioética. A referência ética para essa desconstrução são os direitos humanos, porque eles são a única possibilidade de proteção para os pobres. Como empobrecidos, eles aparecem em sua nua humanidade, sem mais caracterizações que a manifestação de sua originária dignidade humana, exigindo respeito. Esse é o desafio ético primordial que está acima de qualquer outra referência ética. Por isso é preciso questionar o principalismo, baseado na autonomia daqueles que são privilegiados em nossa sociedade assimétrica, fundada na desigualdade social. Os clássicos princípios da beneficência, autonomia e justiça não servem para equacionar eticamente os problemas éticos do nosso contexto. Essa é a grande contribuição da bioética latino-americana para o cenário mundial da bioética.

Sobre os entrevistadores

Alejandro Raúl Trombert. Bioquímico egresado de la Facultad de Bioquímica y Ciencias Biológicas (FBCB) de la Universidad Nacional del Litoral (UNL), Santa Fe, Argentina. Doctor en Tecnología Química graduado de la Facultad de Ingeniería Química (UNL). Especialista en Docencia Universitaria egresado de la Facultad de Humanidades y Ciencias (UNL). Cursa la Maestría en Bioética en la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO – Sede Académica Argentina). Profesor Adjunto dedicación exclusiva “A” regular u ordinario en la FBCB-UNL. Miembro de la Red Latinoamericana y del Caribe de Educación en Bioética (REDLACEB).

María Eugenia Chartier. Profesora en Filosofía (UCSF), Magister en Bioética (UNCUYO). Prof. Titular de Ética Profesional, Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, Universidad Nacional del Litoral (UNL). Prof. Adjunta de Ética, Facultad de Bioquímica y Ciencias Biológicas (UNL), Prof. Adjunta de Bioética, Facultad de Ingeniería, Universidad Nacional de Entre Ríos. Integrante del Comité Asesor de Ética y Seguridad de la

HACIA LA CONSOLIDACIÓN DE UNA BIOÉTICA LATINOAMERICANA ENTREVISTA AL PROFESOR JOSÉ ROQUE JUNGES

Investigación, FBCB-UNL. Integrante de la Red Latinoamericana y del Caribe de Educación en Bioética (REDLACEB).